

A ATUAÇÃO DE SEQUÊNCIAS DO TIPO NARRATIVO EM UM TEXTO JORNALÍSTICO IMPRESSO

Gustavo XIMENES CUNHA¹

RESUMO: O objetivo é mostrar que a heterogeneidade composicional de um texto jornalístico não é um fenômeno discursivo simples. Adotando os postulados do Modelo de Análise Modular, evidenciamos a importância que sequências discursivas do tipo narrativo podem assumir quando um jornalista delas se vale para tentar produzir determinados efeitos. Num primeiro momento, o estudo da forma de organização sequencial permite a identificação de duas sequências narrativas. Em seguida, a combinação da forma de organização sequencial com informações de outros planos do discurso permite o estudo das marcas linguísticas das sequências, bem como das funções cotextuais e contextuais que elas desempenham em toda a reportagem estudada.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística do texto. Heterogeneidade composicional. Modularidade.

Introdução

Muitos são os trabalhos que tratam das sequências narrativas em textos que privilegiam esse tipo de sequência, como, por exemplo, as fábulas e os contos (FILLIETTAZ; GROBET, 1999). Entretanto, são poucos os trabalhos que buscam dar conta da função desse tipo de sequência em textos produzidos pelas mídias. Por esse motivo, este artigo tem por objetivo apresentar a descrição de sequências narrativas presentes em um texto jornalístico impresso. Mais especificamente, o objetivo é mostrar que sequências desse tipo podem ter uma atuação importante na construção do texto que o jornalista produz, funcionando mesmo como estratégia de persuasão do leitor. Utilizando-se de sequências narrativas, o jornalista pode, ao mesmo tempo, defender o seu

¹ Programa de Pós-graduação em Linguística da UFMG; pesquisador do “Grupo de Estudos sobre a Articulação do Discurso”, da UFMG. ximeneskunha@yahoo.com.br

ponto de vista e construir um discurso aparentemente imparcial. Isso porque o uso desse tipo de seqüências possibilita ao jornalista “camuflar” a sua posição acerca de um acontecimento político específico, apresentando-a indiretamente por meio da narração desse acontecimento.

Para alcançar esse objetivo, propomos a análise da reportagem “Uma vitória da parceira tucano-petista”. Essa reportagem, retirada da revista *Veja* do dia 05/01/2005, trata do acordo firmado entre o governo petista e a oposição tucana, o qual permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs).² O quadro teórico no interior do qual se realizou a análise desse texto foi o Modelo de Análise Modular do Discurso. Conforme esse modelo, o estudo da heterogeneidade composicional de um texto específico se faz em duas etapas. Na primeira, a descrição da forma de organização sequencial busca identificar as seqüências discursivas que entram na composição do texto. Essa identificação se faz com base em uma lista fechada de tipos de discurso. Em seguida, na segunda etapa, estuda-se a forma de organização composicional. Nesse estudo, combina-se a forma de organização sequencial com módulos e com outras formas de organização, a fim de se dar uma descrição completa da marcação linguística das seqüências discursivas e das funções cotextuais e contextuais que elas desempenham no texto.

Forma de organização sequencial: breve apresentação

O estudo da forma de organização sequencial se ocupa, inicialmente, do inventário dos tipos de discurso (tipos narrativo, descritivo e deliberativo) e, em seguida, da delimitação em discursos específicos das seqüências discursivas (seqüências narrativa, descritiva e deliberativa) por meio das quais os tipos se manifestam textualmente.

A percepção de que as marcas linguísticas, como os conectores argumentativos por exemplo, não são exclusivas de um tipo de discurso foi a razão pela qual, no Modelo de Análise Modular, se abandonaram as tentativas de definir os tipos com base em critérios linguísticos. Por esse motivo, os tipos de discurso são definidos como operações psicológicas gerais, que se ancoram em unidades textuais de natureza monológica. Essa definição se aproxima das abordagens que definem os tipos como categorias pré-linguageiras, para as

² O texto completo da reportagem encontra-se no anexo deste artigo e está segmentado em atos, a unidade mínima de referência para o quadro teórico adotado, o Modelo Modular de Análise do Discurso.

quais “os locutores dispõem de recursos psicológicos específicos a partir dos quais eles interpretam e produzem sequências discursivas particulares” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 314). Entretanto, a definição de tipo de discurso, elaborada pelo modelo modular, apresenta a vantagem de ancorar essas operações psicológicas em unidades textuais. A vantagem de levar em conta unidades textuais está no fato de que tipologias construídas exclusivamente com base em categorias pré-linguageiras não especificam os tipos de discurso, podendo ser aplicadas na análise de fenômenos semióticos indistintos, linguageiros ou não (FILLIETTAZ; GROBET, 1999). Já as sequências discursivas constituem unidades empíricas. Nos discursos específicos, as sequências correspondem a segmentos textuais nos quais os tipos se manifestam efetivamente.

Tendo por base as noções de tipo de discurso e de sequência discursiva, a análise da forma de organização sequencial consiste em extrair as sequências discursivas que compõem uma dada produção linguageira, a partir de um número restrito de tipos de discurso. Nessa forma de organização, o estudo da heterogeneidade composicional faz convergirem informações de diferentes dimensões do discurso. Especificamente, esse estudo necessita de informações sobre os recursos psicológicos mobilizados pelos interlocutores, próprias do módulo referencial, e necessita de informações sobre a unidade textual de natureza monológica, a intervenção, cujo estudo diz respeito ao módulo hierárquico.

Dos tipos de discurso que participam da tipologia proposta pelo modelo modular, o tipo narrativo é talvez aquele que tem sido objeto de um maior número de estudos. Conforme a perspectiva aqui adotada, esse tipo pode ser definido com base na acoplagem da representação praxeológica de história e da macro-estrutura hierárquica de uma narrativa (ROULET, 1999). A representação praxeológica de história diz respeito a uma superestrutura, a qual compreende as fases ESTADO INICIAL – COMPLICAÇÃO – REAÇÃO – RESOLUÇÃO – ESTADO FINAL. A macro-estrutura hierárquica da narrativa, por sua vez, corresponde a um esquema onde uma intervenção (I) se compõe de uma intervenção subordinada (Is) seguida de uma intervenção principal (Ip).

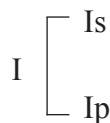


Figura 1: Macro-estrutura hierárquica

A acoplagem da representação praxeológica e da macro-estrutura da intervenção define o tipo narrativo, porque, toda vez que produz uma seqüência narrativa específica, o locutor mobiliza fases da representação praxeológica de história. Uma vez mobilizadas, essas fases se realizam textualmente em uma intervenção (I), onde uma fase (Is) é subordinada à fase seguinte (Ip).

Análise sequencial do texto jornalístico

No texto jornalístico escolhido para esta análise, a identificação de seqüências narrativas implica o reconhecimento de intervenções textuais efetivas em que se ancore uma configuração específica da representação praxeológica de história, apresentada no item anterior. Embora o texto “Uma vitória da parceira tucano-petista” exiba uma grande quantidade de seqüências narrativas, analisaremos apenas as duas seqüências que mais contribuem com o projeto de dizer do jornalista. Essas seqüências estão circunscritas aos atos (32-46) e apresentam o começo e o final marcados por chaves abertas e fechadas, respectivamente. A primeira seqüência trata da criação de parcerias público-privadas (PPPs) por governadores do PSDB:

<S_{narr1} (32) Angustiados com a mesma falta de investimentos, (33) governadores tucanos como o paulista Geraldo Alckmin e o mineiro Aécio Neves fizeram suas próprias PPPs (34) e esperavam pela legislação federal (35) para adaptá-las e colocá-las em prática.>

A segunda seqüência narrativa trata dos problemas apresentados pela versão inicial do projeto de criação das PPPs e de mudanças nessa versão a partir do acordo entre governo e oposição:

<S_{narr2} (36) O problema, porém, é que a versão inicial do projeto oficial pecava pela falta de controles. (37) Não continha limite de gastos (38) nem impedia que algumas obras fossem incluídas sob o guarda-chuva generoso das PPPs (39) mesmo sendo lucrativas. (40) Também não impedia que as empresas privadas fossem buscar no BNDES e nos fundos de pensão todo o dinheiro necessário para fazer as obras de PPPs (41) __ o que retiraria completamente o risco privado. (42) No início, (43) uma troca de acusações transmitiu a impressão de que o projeto ficaria indefinidamente obstruído. (44) Mais tarde, felizmente, (45) governo e oposição transigiram, (46) e o projeto foi aprovado com mudanças.>

A identificação dessas duas sequências pode ser justificada pelas estruturas referenciais e textuais específicas de cada uma delas.

A sequência narrativa que compreende os atos (32-35) se caracteriza por uma estrutura praxeológica que atualiza apenas as fases COMPLICAÇÃO e RESOLUÇÃO:

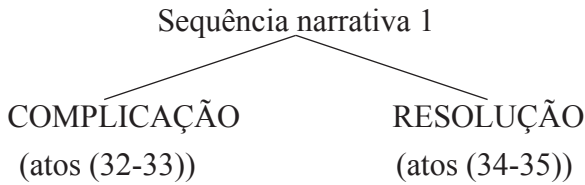


Figura 2: estrutura praxeológica da sequência narrativa 1

O mundo representado por essa sequência se organiza de forma cronológica, porque se caracteriza por dois acontecimentos que se sucedem no tempo: Geraldo Alckmin e Aécio Neves fizeram suas próprias PPPs (COMPLICAÇÃO) e esperavam pela legislação federal para adaptá-las e colocá-las em prática (RESOLUÇÃO).

A estrutura praxeológica dessa sequência narrativa não deve ser confundida com a representação praxeológica de história característica do tipo narrativo. De fato, a estrutura acima constitui uma ocorrência efetiva daquela representação. Nessa sequência, as fases ESTADO INICIAL, REAÇÃO e ESTADO FINAL não foram atualizadas. A ausência dessas fases se explica pelo fato de que elas foram mobilizadas em partes anteriores do texto, estando, portanto, já estocadas na memória discursiva³ durante a leitura dos atos (32-35).

Para caracterizar a sequência que vai do ato (32) ao (35) como sendo própria do tipo narrativo, é necessário ainda levar em consideração a macro-estrutura hierárquica na qual a estrutura praxeológica acima se manifesta.

³ A memória discursiva, segundo Berrendoner (1983, p. 230-231), compreende “os diversos pré-requisitos culturais (normas comunicativas, lugares argumentativos, saberes enciclopédicos comuns, etc.) que servem de axiomas aos interlocutores para conduzir uma atividade dedutiva” e é alimentada tanto pelos acontecimentos extralinguísticos como pelas enunciações sucessivas que constituem o discurso.

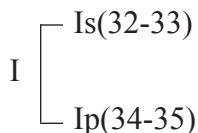


Figura 3: macro-estrutura hierárquica da seqüência narrativa 1

Por meio dessa macro-estrutura hierárquica, descreve-se a seqüência narrativa 1 como uma intervenção formada por outras duas intervenções. O estatuto de subordinado (s) ou de principal (p) que caracteriza cada um dos constituintes dessa intervenção corresponde à importância de cada um deles para a construção de sentidos do texto. Assim, considera-se que a informação trazida por um constituinte principal é mais importante para a compreensão do texto do que aquela trazida por um constituinte subordinado (ROULET, FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Com base nesse critério, a intervenção em que a COMPLICAÇÃO se manifesta é subordinada em relação à intervenção principal em que se manifesta a RESOLUÇÃO da seqüência narrativa. Isso significa que a importância referencial de um dos acontecimentos (a RESOLUÇÃO) se verifica no estatuto de principal da intervenção em que esse acontecimento se ancora.

A outra seqüência narrativa, aquela que compreende os atos (36-46), se caracteriza por uma estrutura praxeológica mais próxima da representação praxeológica de história do tipo narrativo. Isso porque apenas a REAÇÃO não constitui uma das fases mobilizadas pela estrutura dessa seqüência:

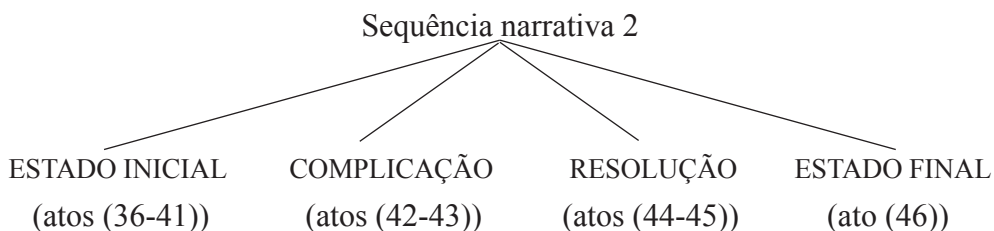


Figura 4: estrutura praxeológica da seqüência narrativa 2

Por apresentar uma estrutura praxeológica emergente semelhante à representação praxeológica de história do tipo narrativo, a seqüência formada pelos atos (36-46) configura uma seqüência narrativa mais típica do que aque-

la formada pelos atos (32-35), composta por apenas duas fases: COMPLICAÇÃO e RESOLUÇÃO. Na sequência narrativa formada pelos atos (36-46), o ESTADO INICIAL diz respeito aos problemas ligados à primeira versão do projeto de criação das PPPs. Esses problemas causaram uma COMPLICAÇÃO, a qual se refere à troca de acusações entre governistas e opositores. A troca de acusações se resolveu por meio da transigência do governo e da oposição (RESOLUÇÃO), o que levou a mudanças no primeiro projeto (ESTADO FINAL). As fases dessa estrutura praxeológica se ancoram nos constituintes da macro-estrutura hierárquica a seguir:

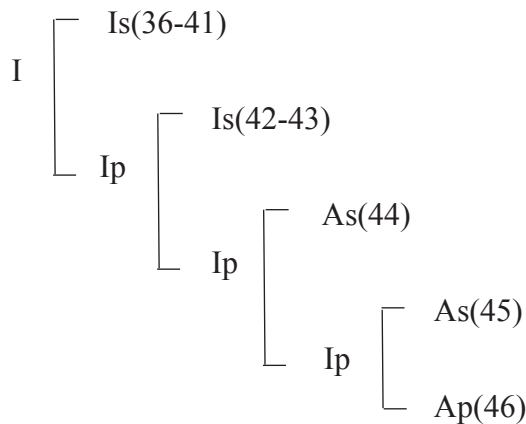


Figura 5: macro-estrutura hierárquica da sequência narrativa 2

Nessa macro-estrutura, cada fase da estrutura praxeológica ancora-se em um constituinte do texto que é sempre subordinado pelo constituinte seguinte. Assim, a Is(36-41), em que se ancora o ESTADO INICIAL, é subordinada pela Ip(42-46), em que se ancoram as demais fases da estrutura praxeológica dessa sequência narrativa. Da mesma maneira, a Is(42-43), em que a COMPLICAÇÃO se manifesta, é subordinada pela Ip(44-46), onde se manifestam a RESOLUÇÃO e o ESTADO FINAL. Esse processo de subordinações retroativas prossegue, até que se chega ao ato principal (46), o qual carrega a informação correspondente ao ESTADO FINAL da sequência. Conforme a macro-estrutura acima, o ato que traz o ESTADO FINAL é o mais importante, porque apresenta a última fase da cadeia de acontecimentos esquematizada na estrutura praxeológica dessa sequência narrativa.

Como exposto anteriormente, a identificação das sequências discursivas de uma produção linguageira, objetivo primeiro da forma de organização sequencial, é feita com base em um número limitado de tipos de discurso e com base nas estruturas referenciais e textuais dessas sequências. Para se obter uma análise mais dinâmica e menos rígida das sequências discursivas, é preciso aprofundar o estudo da forma de organização sequencial, acoplando-o a informações de outros módulos e formas de organização do discurso. Essa nova etapa do estudo da heterogeneidade composicional permite o tratamento da marcação linguística das sequências, das funções co-textuais que estas assumem no interior do texto que compõem e das implicações contextuais que os gêneros exercem sobre elas. Essa nova etapa permite, assim, a descrição da forma de organização composicional do discurso.

Análise da forma de organização composicional

Para alcançar o objetivo de descrever a marcação formal e as funções co-textuais das sequências discursivas, a forma de organização composicional combina as informações obtidas na descrição da forma de organização sequencial com informações dos módulos linguístico e referencial e da forma de organização relacional. Nos próximos itens, as informações de ordem linguística e relacional serão importantes para extrair as especificidades da marcação linguística das sequências; já as informações de ordem hierárquico-relacional permitirão descrever as funções co-textuais das sequências, porque evidenciam as relações discursivas existentes entre estas e as informações ativadas nos segmentos textuais com que fazem fronteira; por fim, as informações de ordem referencial possibilitarão a análise da influência que o contexto acional (o gênero) exerce sobre as sequências discursivas.

A marcação formal das sequências discursivas

O estudo da heterogeneidade composicional, proposto pelo modelo modular, não se vale de critérios linguísticos para definir os tipos de discurso. Por esse motivo, a marcação formal de uma sequência discursiva não diz respeito ao tipo de discurso que ela manifesta, mas a um “efeito composicional”, que especifica as propriedades linguísticas emergentes dessa sequência. A noção de efeito composicional encontra sua justificativa no fato de que “toda sequência narrativa, descritiva ou deliberativa pode ser mais ou menos marcada do ponto de vista argumentativo ou autotélico pela recorrência mais ou menos forte de formas linguísticas” (ROULET, 1999, p. 138).

Na tentativa de precisar a marcação formal das sequências discursivas, a forma de organização composicional distingue três categorias de efeitos composicionais: os efeitos argumentativos, os efeitos narrativos e os efeitos autotélicos.

Os *efeitos argumentativos* se manifestam em sequências marcadas por conectores, expressões modais e vocabulário axiológico e em sequências que apresentam, no plano das relações discursivas, relações interativas de argumento, de contra-argumento, de reformulação e de clarificação. Os *efeitos narrativos*, por sua vez, se manifestam em sequências marcadas por organizadores temporais e tempos verbais do subsistema do passado (pretérito perfeito, mais-que-perfeito e imperfeito) e em sequências que apresentam, no plano das relações discursivas, relações interativas de preparação e de sucessão. Finalmente, os *efeitos autotélicos* (poéticos) se manifestam em sequências marcadas por paralelismos fônicos, sintáticos, semânticos e lexicais.

Na sequência narrativa formada pelos atos (32-35), identificada anteriormente, efeitos argumentativos se manifestam pela presença do vocábulo axiológico “angustiados”, pertencente ao ato (32). Ao dizer que governadores tucanos estavam “angustiados” com a falta de investimentos do governo federal, o autor representa Geraldo Alckmin e Aécio Neves como políticos que se preocupam com o bem comum e que, por isso, fizeram suas próprias PPPs. No plano das relações de discurso, a existência de relações interativas de argumento (arg) também contribui para a manifestação de efeitos argumentativos.

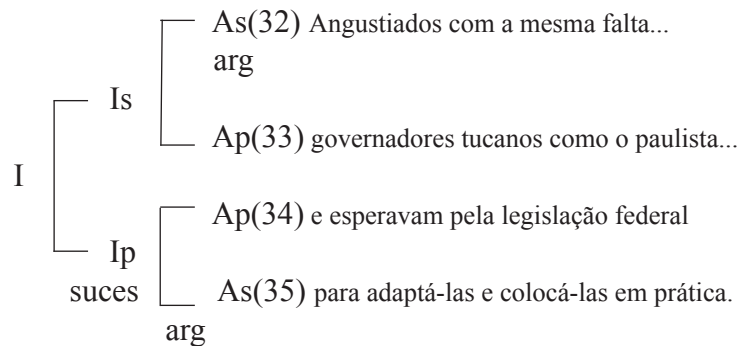


Figura 6: estrutura hierárquico-relacional da sequência narrativa I

Por meio dessa estrutura hierárquico-relacional, é possível visualizar as relações discursivas que caracterizam essa sequência. A informação trazida pelo ato (32) funciona como um argumento para o ato (33). Da mesma forma, a informação que o ato (35) traz atua como argumento para o ato (34).

Essa estrutura representa ainda uma relação de sucessão (suces) entre a Ip(34-35) e a informação trazida pela Is(32-33). Essa relação de sucessão corresponde, no plano relacional, à ordem cronológica entre a COMPLICAÇÃO (atos 32-33) e a RESOLUÇÃO (atos 34-35), verificada anteriormente na estrutura praxeológica da sequência. A relação de sucessão, bem como verbos no pretérito imperfeito (*fizeram, esperavam*) constituem indicadores de que essa sequência se caracteriza ainda por efeitos narrativos.

Na sequência narrativa formada pelos atos (36-46), os efeitos argumentativos se manifestam pela presença de conectores argumentativos e contra-argumentativos (*porém, nem*), de vocabulário axiológico (*generoso, lucrativas*) e de advérbios modalizadores (*completamente, indefinidamente, felizmente*). No plano das relações de discurso, o predomínio das relações de argumento (arg) e a presença de relações de contra-argumento (c-arg) também atuam de forma decisiva para a manifestação de efeitos argumentativos nessa sequência.

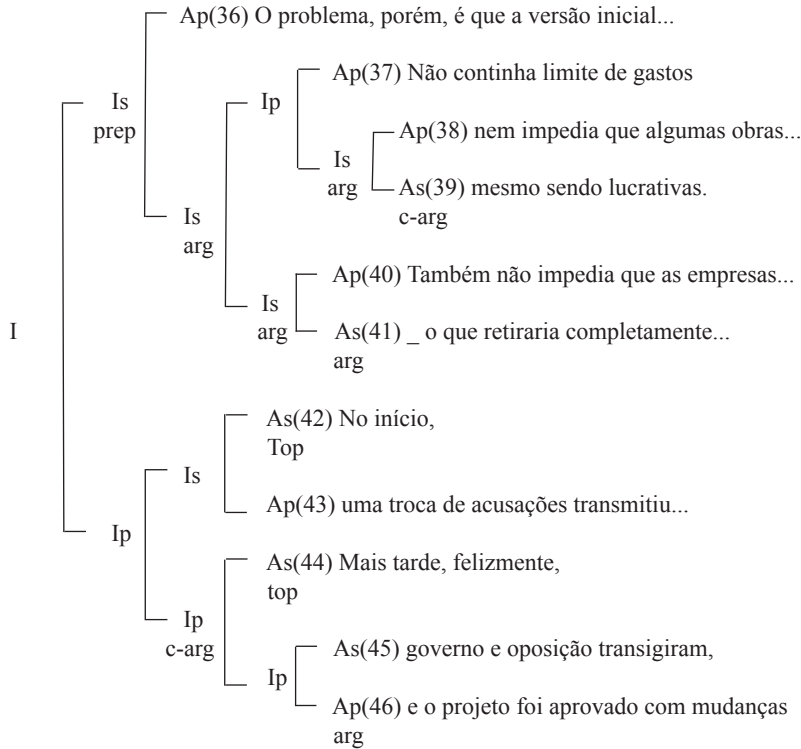


Figura 7: estrutura hierárquico-relacional da sequência narrativa 2

Nessa estrutura, verifica-se ainda a existência de relações de preparação (prep) e de topicalização (top). A relação de preparação indica que a Is(36-41) traz informações que preparam o leitor para o que é dito na Ip(42-46). Não por acaso, a Is(36-41) é o constituinte do texto onde se ancora o ESTADO INICIAL dessa sequência. A apresentação dos problemas existentes na primeira versão do projeto das PPPs constitui, assim, a preparação para as fases seguintes da narração.

Já as relações de topicalização indicam que constituintes do texto foram topicalizados. As expressões topicalizadas “No início” (ato (42)) e “Mais tarde” (ato (44)) atuam como organizadores temporais, porque indicam a transição entre fases da narração. A expressão “No início” indica a passagem do ESTADO INICIAL (atos (36-41)) para a COMPLICAÇÃO (atos (42-43)), enquanto a expressão “Mais tarde” indica a passagem da COMPLICAÇÃO para a RESOLUÇÃO (atos (44-45)).

A presença da relação de preparação, de organizadores temporais topicalizados e de tempos verbais do subsistema do passado (*impedia, transmitiu, transigiram*) constitui evidência de que essa seqüência é marcada ainda por efeitos composicionais narrativos.

Nas duas seqüências estudadas, não encontramos recursos linguísticos que apontem para a manifestação de efeitos autotélicos.

As seqüências narrativas e o cotexto

Buscando relativizar a rigidez da segmentação das seqüências de discurso, o estudo da forma de organização composicional investiga o papel que as seqüências desempenham em relação às porções do texto que as antecedem. Esse momento da análise leva em conta o lugar ocupado pelas seqüências discursivas na estrutura que descreve a articulação dos constituintes de todo o texto, estrutura resultante do estudo da forma de organização relacional.

A macro-estrutura hierárquico-relacional a seguir representa as relações de discurso por que cada intervenção do texto “Uma vitória da parceria tucano petista” se acha ligada a informações da memória discursiva que têm origem em intervenções do próprio texto. As intervenções em negrito constituem as duas seqüências narrativas em análise.

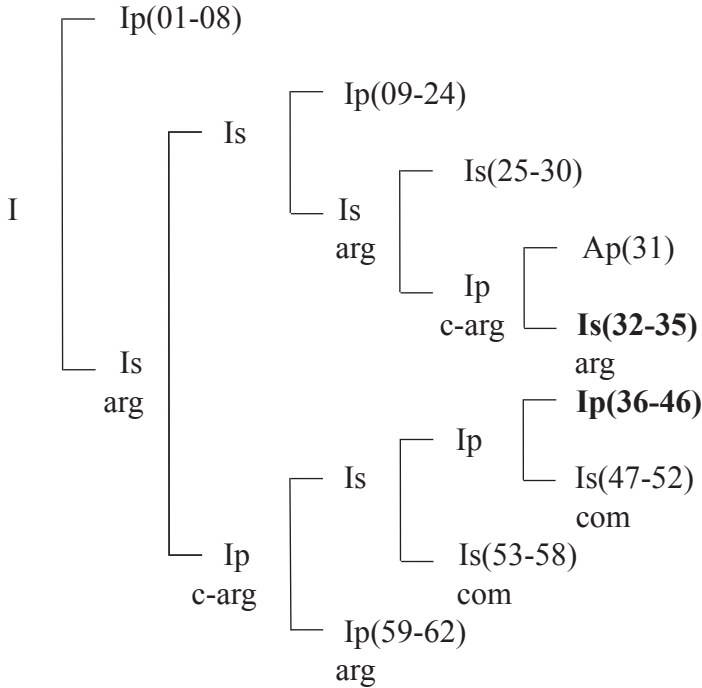


Figura 8: macro-estrutura hierárquico-relacional do texto “Uma vitória da parceira tucano-petista”

Nessa estrutura, descrevem-se as grandes etapas de textualização por meio das quais o jornalista construiu a reportagem. Tratando especificamente das intervenções em negrito, percebe-se que a sequência narrativa 1 (Is(32-35)) não possui uma existência autônoma, uma vez que é um dos constituintes de uma outra intervenção, a Ip(31-35). No interior dessa intervenção, a sequência narrativa 1 exerce a função de argumento (arg) para a informação trazida pelo ato (31). Assim, a informação de que governadores tucanos fizeram suas próprias PPPs (Is(32-35)) funciona como argumento para a informação de que a falta de dinheiro do governo para obras de infra-estrutura não é um problema apenas federal (ato (31)).

Já a sequência narrativa 2 (Ip(36-46)) desempenha função importante na grande intervenção da qual é um dos constituintes, a Ip(36-62). A importância cotextual dessa sequência está no fato de que ela narra todo o processo de elaboração do projeto que criou as PPPs, desde os problemas ligados à versão inicial até a aprovação do projeto modificado. Essa narração fornece

subsídios para o autor argumentar em favor da criação das PPPs. Isso porque somente depois de narrar todo o processo de elaboração do projeto é que ele pode dizer que todos saíram ganhando com a sua aprovação (Ip(59-62)).

As seqüências narrativas e o contexto

Uma distinção necessária ao estudo da linguagem diz respeito àquela entre tipo e gênero de discurso. Enquanto a primeira noção se refere, como vimos, às representações textuais e referenciais que se materializam de forma específica em seqüências discursivas, a noção de gênero, no modelo modular, se refere às ações linguageiras cristalizadas por meio das atividades sócio-comunicativas, as quais se manifestam historicamente numa dada coletividade (FILLIETTAZ; GROBET, 1999). Por esse motivo, estudar a problemática dos gêneros de discurso implica a descrição de percursos acionais (ou praxeológicos) típicos de uma interação. Esse estudo diz respeito, portanto, ao contexto acional no qual as produções linguageiras aparecem e se faz levando-se em conta as informações próprias do módulo referencial.

Embora gênero e tipo sejam noções distintas, o ambiente contextual (ou o gênero de discurso) pode exercer influência sobre os tipos de seqüências que serão mobilizados pela instância de produção. Assim, enquanto os discursos científicos privilegiam as seqüências deliberativas, os romances privilegiam as seqüências narrativas. Mas o gênero a que um dado texto pertence pode, além disso, explicar a função que desempenham as seqüências discursivas.

No que se refere ao gênero “reportagem”, ao qual pertence o texto “Uma vitória da parceira tucano-petista”, ele se caracteriza por uma *aparente* imparcialidade, ligada à expectativa de que, nesse gênero, os fatos devem ser apresentados de modo imparcial, a fim de que o leitor construa o seu próprio ponto de vista. Como decorrência dessa característica, o gênero “reportagem” é marcado pela busca de estratégias discursivas especializadas em fazer com que um acontecimento comentado a partir do ponto de vista do jornalista seja apreendido como a própria expressão da realidade. Essas estratégias têm, portanto, a função de fazer parecer que os objetos (seres, lugares, situações) apresentados na reportagem estão em seu estado de “acontecimento bruto”, camuflando a sua condição de “acontecimento interpretado” ou objeto de discurso (CUNHA, 2008). Por meio dessas estratégias, é possível ao jornalista expor o seu ponto de vista, mas sem colocar em risco a sua credibilidade, porque formata o acontecimento num discurso aparentemente imparcial.

Essas características do gênero “reportagem” explicam, em grande medida, as considerações feitas nos itens anteriores sobre as duas sequências narrativas encontradas no texto “Uma vitória da parceira tucano-petista”.

Em primeiro lugar, a escolha de sequências narrativas não parece ter sido aleatória. Na busca por defender a sua opinião de que as parcerias público-privadas são necessárias ao país, o jornalista apresenta a sequência narrativa 1 (atos (32-35)), em que narra a decisão de governadores tucanos de realizar suas próprias PPPs, em virtude da falta de investimentos do governo federal. Em seguida, apresenta a sequência narrativa 2 (atos (36-46)), em que narra as fases por que passou o projeto de criação das PPPs, até chegar à versão final, resultante do acordo entre governo e oposição. O emprego das sequências narrativas parece atuar, portanto, como estratégia com a qual o jornalista busca convencer o leitor, sem apresentar de forma direta o seu posicionamento político. Ele opta, ao contrário, por defender suas idéias por meio do relato de acontecimentos.

Em segundo lugar, a manifestação de efeitos composicionais argumentativos está fortemente ligada às características do gênero “reportagem”. A estratégia de convencer indiretamente por meio de sequências narrativas implica a presença de recursos linguísticos, tais como conectores, vocabulário axiológico, advérbios modalizadores e relações interativas de argumento no interior das sequências, os quais são utilizados com o objetivo de guiar a construção de sentidos do leitor.

Por fim, a função desempenhada pelas duas sequências no contexto também tem raiz no gênero “reportagem”. A sequência narrativa 1 (atos (32-35)) funciona como argumento para a informação veiculada no ato (31), enquanto a sequência narrativa 2 (atos (36-46)) permite ao autor argumentar em favor da idéia de que todos saíram ganhando com o acordo que permitiu a aprovação das PPPs. Dessa forma, as duas sequências contribuíram para que o autor construísse sua argumentação, sem que fosse preciso expor seu ponto de vista de forma direta.

Considerações finais

Neste artigo, o estudo de um texto jornalístico mostrou que a heterogeneidade composicional não é um fenômeno discursivo simples. Num primeiro momento, foi possível, com o estudo da forma de organização sequencial, identificar duas sequências narrativas e justificar essa identificação por meio das suas infra-estruturas textuais e referenciais. Em seguida, a acoplagem da forma de organização sequencial com outros módulos e formas de organização do discurso permitiu que

se completasse o estudo da forma de organização composicional. Nesse estudo, identificaram-se os efeitos composicionais que as duas seqüências narrativas manifestam, bem como as funções co- e contextuais que elas desempenham.

Por meio das análises apresentadas neste artigo, foi possível evidenciar a importância que o estudo da heterogeneidade composicional pode assumir, quando se busca lançar luz sobre os mecanismos de que um jornalista se vale para tentar produzir determinados efeitos sobre o leitor.

XIMENES CUNHA, Gustavo. The effect of sequences of the narrative type in a printed journalistic text. **Revista do Gel**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 202-219, 2010.

ABSTRACT *This paper aims at showing that the compositional heterogeneity of a journalistic text is not a simple discursive phenomenon. Adopting the postulates of the Modular Analysis, we give evidence on the importance that discursive sequences of the narrative type can assume, when a journalist tries to produce certain effects on the reader. In a first moment, the study in the sequential organization form allows the identification of two narrative sequences. Soon afterwards, the combination of the sequential organization form with information from other discursive plans allows the study of the linguistic marks of the narrative sequences, as well as the cotextual and contextual functions that they carry out in the studied text.*

KEYWORDS: *Linguistics of the text. Compositional heterogeneity. Modularity.*

Referências

BERRENDONER, A. “Connecteurs pragmatiques” et anaphore. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, v. 4, p. 215-246, 1983.

CUNHA, G. X. **O sequenciamento de textos como estratégia discursiva**: uma abordagem modular. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) - FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2008.

FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. L'hétérogénéité compositionnelle du discours: quelques remarques préliminaires. **Cahiers de linguistique française**, Genebra, v. 21, p. 213-259, 1999.

REVISTA VEJA. Uma vitória da parceria tucano-petista. São Paulo: Editora Abril. 1888 ed., ano 38, p. 51, jan/ 2005.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. **Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours**. Berne: Lang, 2001.

ROULET, E. **La description de l'organisation du discours**. Du dialogue au texte. Paris: Didier, 1999.

Anexo

Uma vitória da parceria tucano-petista

(01) Um acordo fechado na madrugada de 22 de dezembro entre o governo petista e a oposição tucana mostrou ser possível a cooperação suprapartidária na política, (02) a despeito do histórico de fisiologia e de obstrução na relação entre Congresso e presidentes no país. (03) O acordo permitiu a aprovação do projeto que cria as parcerias público-privadas (PPPs), mecanismo no qual o presidente Luiz Inácio Lula da Silva deposita enorme esperança (04) para modernizar a debilitada infra-estrutura brasileira. (05) Num desfecho raro, (06) a versão final do projeto concilia o que há de melhor na proposta do governo com as melhores sugestões da oposição: (07) permite a retomada de obras (08) sem que se estimulem a corrupção e o descontrole de gastos.

(09) O projeto era objeto de disputa no Congresso desde novembro de 2003, (10) quando o governo apresentou sua primeira versão à Câmara. (11) O mecanismo das PPPs, em sua essência, é uma idéia funcional que, se não for desfigurada na prática, pode trazer benefícios ao país. (12) Criadas na Inglaterra, (13) elas foram desenhadas com o objetivo de atrair investimento privado (14) para financiar obras públicas urgentes. (15) São obras caras demais e de retorno financeiro incerto, (16) de modo que dificilmente seriam tocadas sem uma parceria entre Estado e empresas. (17) As PPPs funcionam da seguinte forma: (18) o governo, que não tem dinheiro, convida investidores interessados em construir, manter e explorar comercialmente ferrovias ou rodovias por anos ou décadas. (19) Em troca, garante, com recursos oficiais, uma determinada taxa de rentabilidade ao investidor (20) caso os pedágios ou os fretes arrecadados fiquem abaixo de um volume inicialmente combinado. (21) Outro modelo de parceria é a concessão administrativa. (22) Nesse sistema, (23) a companhia privada constrói obras que não arrecadam tarifas, como presídios, por exemplo, (24) e recebe pelos serviços integralmente prestados ao Estado.

(25) Não havia dúvidas de que o projeto era necessário. (26) Dos 57.000 quilômetros que formam a principal parte da malha rodoviária do país, (27) metade está com pavimento comprometido. (28) A extensão ferroviária não ultrapassa os 30.000 quilômetros desde 1970. (29) Sozinho, (30) o governo

não tem dinheiro para essas obras de infra-estrutura. (31) Não se trata apenas de um problema federal. (32) Angustiados com a mesma falta de investimentos, (33) governadores tucanos como o paulista Geraldo Alckmin e o mineiro Aécio Neves fizeram suas próprias PPPs (34) e esperavam pela legislação federal (35) para adaptá-las e colocá-las em prática.

(36) O problema, porém, é que a versão inicial do projeto oficial pecava pela falta de controles. (37) Não continha limite de gastos (38) nem impedia que algumas obras fossem incluídas sob o guarda-chuva generoso das PPPs (39) mesmo sendo lucrativas. (40) Também não impedia que as empresas privadas fossem buscar no BNDES e nos fundos de pensão todo o dinheiro necessário para fazer as obras de PPPs (41) __ o que retiraria completamente o risco privado. (42) No início, (43) uma troca de acusações transmitiu a impressão de que o projeto ficaria indefinidamente obstruído. (44) Mais tarde, felizmente, (45) governo e oposição transigiram, (46) e o projeto foi aprovado com mudanças. (47) Em sua forma final, (48) o projeto das PPPs estabelece que estados, municípios e a União só poderão comprometer até 1% de sua receita líquida anual com recursos que darão (49) para complementar a rentabilidade dos investidores. (50) Além disso, a lei estipulou que o BNDES e os fundos de pensão, juntos, só poderão participar com até 80% do financiamento das obras. (51) Em algumas regiões mais pobres, (52) esse percentual sobe para 90%. (53) O Ministério do Planejamento já tem 23 projetos com valor de 13 bilhões de reais que podem ser executados por meio das PPPs. (54) As principais empresas privadas interessadas nas parcerias já se apressaram em escolher os projetos. (55) O mais cobiçado é a construção do Arco Rodoviário, (56) que desviará o tráfego de caminhões da região metropolitana do Rio de Janeiro, (57) acelerando o acesso ao Porto de Sepetiba, (58) com custo estimado de 250 milhões de reais.

(59) O desfecho das negociações no Congresso premiou o bom senso. (60) Ficou claro que as PPPs não são uma panacéia, (61) mas podem ter o condão de abreviar o começo de obras que vinham sendo eternamente adiadas. (62) Todos saíram ganhando.

Revista Veja (05/01/2005)